ÁREA TEMÁTICA:

( ) COMUNICAÇÃO
( ) CULTURA
( ) DIREITOS HUMANOS E JUSTIÇA
( ) EDUCAÇÃO
( ) MEIO AMBIENTE
(X) SAÚDE
( ) TRABALHO
( ) TECNOLOGIA

CONSULTA DE ENFERMAGEM: O ALEITAMENTO MATERNO NO PERÍODO PUERPERAL

GODOY, Stela de Souza
MADALOZO, Fernanda[1]
LEMOS, Juliana Regina Dias[2]
RAVELLI, Ana Paula Xavier[3]
SILVA, Carla Luiza[4]

RESUMO: As propriedades nutricionais, imunológicas e fisiológicas do leite humano, os aspectos psicoafetivos que resultam da interação mãe-filho durante a amamentação e o aspecto econômico podem ser traduzidos em benefícios para a criança, a mãe, a família, a sociedade e o próprio Estado, tendo em vista que, o Aleitamento Materno Exclusivo (AME) é uma das principais práticas que promovem a saúde, estando associada à diminuição de doenças e mortalidade na infância, com reflexos positivos durante toda a vida. A consulta de Enfermagem tem como objetivo identificar a prática do aleitamento materno das puérperas atendidas pela Consulta Puerperal de Enfermagem (CPE), no ano 2011. Para a elaboração deste estudo, foi realizada uma pesquisa no Hospital Evangélico da cidade de Ponta Grossa, através de entrevista estruturada com 281 mulheres no período puerperal, entre os meses de Março e Novembro de 2011. A análise dos dados deu-se através de estatística descritiva, com os valores expressos em frequências simples e, foram encontrados os seguintes resultados: 55,87% (n=157) das mulheres eram multíparas e 21,37% (n=64) eram primíparas, 83,72% (n=144) das mulheres iniciaram o Aleitamento Materno ainda no hospital, sendo que, destas 3,48% (n=5) eram primíparas e, 96,52% (n=139) eram multíparas com estes dados pode-se verificar que: as mulheres multíparas tem maior adesão ao Aleitamento Materno Exclusivo (AME) no período puerpério imediato, do que às mulheres no período primiparas, devido às gestações passadas.

Palavras Chave: Enfermagem. Amamentação. Educação em Saúde.

Introdução

[1] Acadêmica 4º ano do Curso de Graduação em Enfermagem, integrante do projeto CPE – fermadalozo@gmail.com
[2] Doutoranda em Patologia pela Universidade Federal do Triangulo Mineiro, Docente da Universidade Estadual de Ponta Grossa – Pr. lemos.jrd@terra.com.br
[3] Doutora, Professora Adjunta do Departamento de Enfermagem e Saúde Pública, Coordenadora do Projeto CPE – apxr@hotmail.com
[4] Mestranda em Tecnologia em Saúde pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Docente da Universidade Estadual de Ponta Grossa – Pr. clsilva21@hotmail.com

Amorim e Andrade (2008), afirmam que a espécie humana evoluiu e manteve 99,9% da sua existência amamentado os seus descendestes. Através da afirmativa dos autores percebe-se que independente da evolução da espécie humana, o ato de amamentar, o leite materno continua sendo a fonte benéfica de alimentação na fase inicial da vida da criança. Pois, como relatam Araujo et. al. (2008) ela está geneticamente programada para receber os benéficos do leite humano e do ato de amamentar. Entretanto, apesar de ser biologicamente determinada, a amamentação sofre influências, socioculturais e, por isso deixou de ser praticada universalmente a partir do século XX. (GIUGLIANI, 2000). Algumas consequências dessas mudanças já puderam ser observadas tais como: a desnutrição e a alta mortalidade infantil em áreas menos desenvolvidas.

Atualmente, a expectativa biológica se contrapõe às expectativas culturais, pois, já se sabe que o leite materno representa o alimento completo para a criança, principalmente nos primeiros meses de vida. Para Castro e Araujo (2006) O leite materno é o alimento ideal para o lactente devido às suas propriedades nutricionais e imunológicas, protegendo o recém-nascido contra infecções, diarréia e doenças respiratórias.

Sabe-se que a administração de outros alimentos além do leite materno interfere negativamente na absorção de nutrientes e em sua biodisponibilidade, além de aumentar o risco de infecções, podendo também diminuir a quantidade de leite materno ingerido e levar a menor ganho ponderal (CARDOSO; VICENTE; DAMIÃO*, 2008*). Alem de oferecer proteção no inicio da vida do lactente, parece reduzir também o risco de doenças crônicas, como as autoimunes, celíaca, de Crohn, colite ulcerativa, linfoma, diabetes mellitus e alergia alimentar, entre outras (MARQUES; COTTIA; PRIORE, 2011). A amamentação oferece vantagens não somente ao bebe, mas a mãe, a família e ao Estado.

É fundamental que haja uma uniformização com relação às definições dos diversos padrões de aleitamento materno, tendo em vista, que existem já indicadores bem definidos sobre o mesmo, os quais têm sido utilizados no mundo inteiro. Como pode ser visto através dos estudos realizados por

Giugliani (2000), de acordo com o autor: O Aleitamento Materno Exclusivo (AME) é quando a criança recebe como alimento somente o leite humano; o Aleitamento Materno Predominante (AMP) é quando a fonte predominante de alimento é o leite humano, mas a criança recebe água ou bebidas a base de água, como chás ou água adocicada; o Aleitamento Materno Complementado (AMC) é quando a criança recebe leite materno e outros alimentos sólidos, semi-solidos ou líquidos

Nesse contexto, ainda segundo Marques et.al (2008), os benefícios trazidos para a nutriz, são a redução de alguns tipos de fraturas ósseas, câncer de mama e de ovários e ainda diminui o risco de morte por artrite reumatoide. No que se referem à família, as vantagens da amamentação estão relacionadas com o custo, a praticidade e o estímulo ao vínculo do binômio mãe-filho e para o Estado, a principal vantagem do aleitamento materno é seu baixo custo.

A amamentação não é totalmente instintiva no ser humano, muitas vezes deve ser aprendida para ser prolongada com êxito, considerando-se que a maioria das nutrizes precisa de esforço e apoio constantes. Torna-se preciso reconhecer que, por ser uma prática complexa, não se deve reduzir apenas aos aspectos biológicos, mas incluir a valorização dos fatores psicológicos e socioculturais. Além disso, é fundamental que o profissional permita que a mulher coloque suas vivências e experiências anteriores, uma vez que a decisão de amamentar está diretamente relacionada ao que ela já viveu (ARAÚJO; CUNHA; LUSTOSA, 2008).

Resultou-se que, das 281 (100%) puérperas atendidas pelo projeto, 157 (55,87%) eram multíparas, 64 (22,77%) primíparas e 60 (21,37%) não informaram. Esse dado mostra que, mesmo as mulheres que já vivenciaram um ou mais partos ainda precisam de esclarecimentos e um apoio teórico e emocional, pois, cada momento vivido no ciclo gravídico-puerperal é único. Considerando que cada nascimento se da em contextos não necessariamente iguais, ou seja, diferenças de idade, de condições socioeconômicas ou de situação conjugal da mãe, o simples fato de ter uma experiência previa, talvez não seja suficiente como estimulo para amamentação dos filhos subseqüentes (FALEIROS, TREZZA; CARANDINA, 2006).

Tabela 1: Condição Materna de mulheres em Consulta de Enfermagem Puerperal atendidas no Hospital Evangélico de Ponta Grossa.

	n	%
Condição Materna		
Primípara	64	21,37
Multípara	157	55,87
Não informaram	60	21,37
TOTAL	281	100

Fonte: Projeto CPE, Março a Novembro de 2011.

Os estudos sugerem que primíparas, ao mesmo tempo em que são mais propensas a iniciar o aleitamento, costumam mantê-lo por menos tempo, introduzindo mais precocemente os alimentos complementares, parecendo haver para as multíparas uma forte correlação entre o modo como seus filhos anteriores foram amamentados e como este último será. A razão estaria, talvez, relacionada à insegurança da "mãe de primeira viagem" eventualmente mais jovem, com menor grau de instrução e menor experiência de vida. Em se tratando de ter ou não uma experiência anterior com aleitamento materno, as mães que tiveram uma experiência previa positiva, provavelmente, terão mais facilidade para estabelecê-lo com os demais filhos (FALEIROS; TREZZA; CARANDINA, 2006).

No Brasil, o Ministério da saúde coloca que o profissional de saúde tem papel fundamental na promoção, proteção e apoio ao Aleitamento Materno (AM) e que para exercer esse papel ele precisa, além do conhecimento e de habilidades relacionados a aspectos técnicos da lactação, ter um olhar atento, abrangente, sempre levando em consideração os aspectos emocionais, a cultura familiar, a rede social de apoio à mulher, entre outros aspectos (BRASIL, 2009).

Tabela 2: Distribuição do Aleitamento Materno no puerpério imediato e a Condição Materna de mulheres em Consulta de Enfermagem Puerperal atendidas no Hospital Evangélico de Ponta Grossa.

	AM sim	AM Não	Não informam AM
lição Materna			
Primípara	4 (1,42%)	8 (2,84%)	52 (18,5%)
Multípara	140 (49,82%)	10 (3.55%)	7(2,49%)
Não informa			60 (2,1%)
TOTAL	144 (51,24%)	18(6,4%)	119 (42,34%)

Fonte: Projeto CPE, Março a Novembro de 2011.

Notou-se que 140 mulheres (49,82%) eram multíparas e iniciaram o AM ainda no hospital e 10(3.55%) eram multíparas e não inciaram o AM no hospital.

Observa-se que 4 (1,42%) das mulheres eram primiparas e iniciaram o AM no hospital e 8 (2,84%) eram primíparas não iniciaram o AM no hospital. Não há informação do AM em 52 (18,5%) das primiparas, 7 (2,49%) das multíparas e não há informações sobre 60 (42,34%)das mulheres.

Foi realizado preparo das mamas na gestação atual em apenas 21,86% (n=54) das mulheres, utilizando principalmente métodos como buchinha, banho de sol e pomada. Das 281 mulheres, receberam orientação sobre AM 135 (48,04%) e 146 (51,95%) não receberam.

Tabela 3: Preparo das mamas na gestação atual de mulheres em Consulta de Enfermagem Puerperal atendidas no Hospital Evangélico de Ponta Grossa.

	n	%
Preparo mamas		
Sim	58	20,64%
Não	218	77,58%
Não informou	3	1,06%
TOTAL	281	100

Fonte: Projeto CPE, Março a Novembro de 2011.

Concluímos que o a taxa de aleitamento em puérperas multíparas é maior, pois elas podem se basear em experiências anteriores. Já as primiparas tem maior dificuldade devido a falta de conhecimento e maior orientação profissional durante o pré-natal. Aí encontra-se mais um papel do enfermeiro, que pode e deve estar auxiliando as mães antes do parto também, aconselhando-a na superação de seus medos e dificuldades, valorizando suas dores e inseguranças, para que as mulheres possam assumir com mais segurança o papel de mães e provedoras do aleitamento de

seu filhos.

Diante disso, cabe aos profissionais da saúde desempenhar o papel de educação em saúde, que é de extrema importância nessa assistência tanto à mulher-mãe-nutriz. Para isso, necessita-se que esses profissionais tenham conhecimentos atualizados e habilidades para a realização dessa tarefa, tanto no manejo clínico da lactação como na técnica de aconselhamento as puérperas. Dessa forma, estaremos cumprindo com o nosso papel de profissionais de saúde e de educador.

É importante ressaltar que “aconselhar” não significa dizer à mulher o que ela deve fazer. Significa ajudá-la a decidir o que é melhor para ela, e adquirir autoconfiança. De modo a tornar a amamentação um ato de prazer e não uma obrigação.

Referências

AMORIM, Marinete Martins; ANDRADE, EdsonRibeiro**. Atuação do enfermeiro no PSF sobre Aleitamento Materno**. Perspectiva online. v. 3, n9. 93-110. 2009. Acesso em: 04 Abr. 2012.

ARAÚJO, Olivia Dias et.al . **Aleitamento materno: fatores que levam ao desmame precoce**. Rev. bras. enferm. v. 61, n. 4. p. 488-92. Ago. 2008. Acesso em: 04 Abr de 2012.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Saúde da criança: nutrição infantil: aleitamento materno e alimentação complementar.** Brasília: Ministério da saúde: 2009.

CASTRO, Lilian Mara C. Poli de; ARAUJO, Lylian Dalete Soares de. **Aleitamento materno: manual pratico.** Londrina, 2006..

CARDOSO, Letícia Oliveira et.al.. **The impact of implementation of the Breastfeeding Friendly Primary Care Initiative on the prevalence rates of breastfeeding and causes of consultations at a basic healthcare center**. J Ped. v. 84, n. 2. p. 147-53. 2008.

FALEIROS, Francisca Teresa Veneziano et.al. **Aleitamento materno: fatores de influencia na sua decisão e duração.** Rev. Nutr. v. 19, n. 5. p. 623-30. 2006.

GIUGLIANI, Elsa R. J. **O aleitamento materno na pratica clinica**. J Pediatr, v. 76, 2000.

HUMANA SAÚDE. Disponível em**: http://www.humanasaude.com.br/novo/materias/8/p-s-parto-imediato-orienta-es-para-o-sucesso-do-aleitamento-materno_647.html**. Acesso: 15/05/2010

MARQUES, Emanuele Souza et.al**. Mitos e crenças sobre o aleitamento materno**. Ciênc. saúde coletiva vol.16 no. 5 Rio de Janeiro 2011